



Foto: Manuel Valença

TUNGA

“... sintomas indicavam a puberdade de xifópagas capilares entre nós”

TODOS TUNEIS POR PARARES
TOPAS TORO TAPA ROCHA
SE DAS BEIRAS PARTE RACHAS
PARES OURO BORDAS AROS
SOAS ARTES PARA TARAS
TORPES POROS TORTOS OSSOS

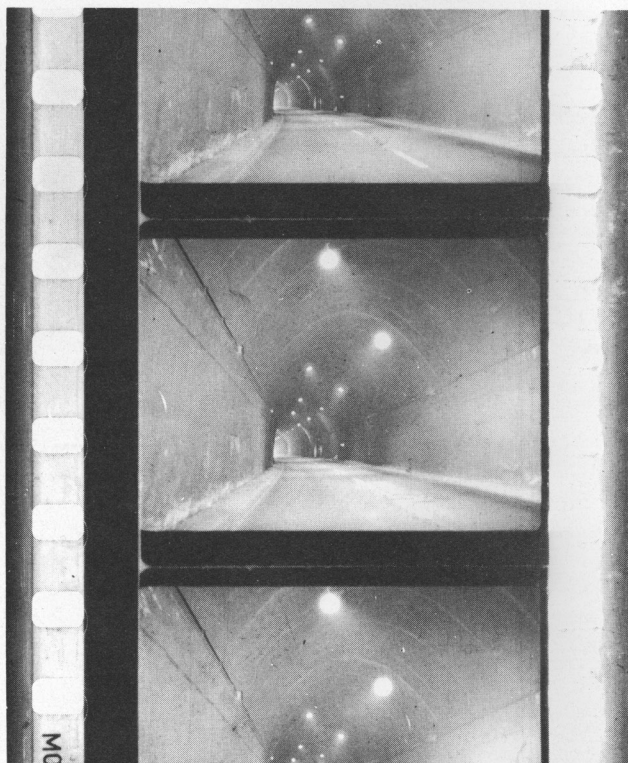


Foto: Murilo Salles

“Les bijoux de Mme. de Sade” — bronze maciço — Ø 20 cm — 1982



Foto: Wilton Montenegro

...“SABE-SE DO POSTERIOR DESAPARECIMENTO DO AGORA ESCALPO.”

Troféu — latão trefilado e usinado — 10 x 2 metros — 1984



Foto: Romulo Faldini

Toros, jóias de Mme. de Sade — aço — 400 kg — 1983



Foto: Wilton Montenegro

“ πr^2 . FEMUR . $2\pi R$
“PIERRE SECONDE....,
FEUX MURS...
D'EUX PIERRES.

Bordas — ouro bordado sobre seda — 70 x 70 cm — 1983

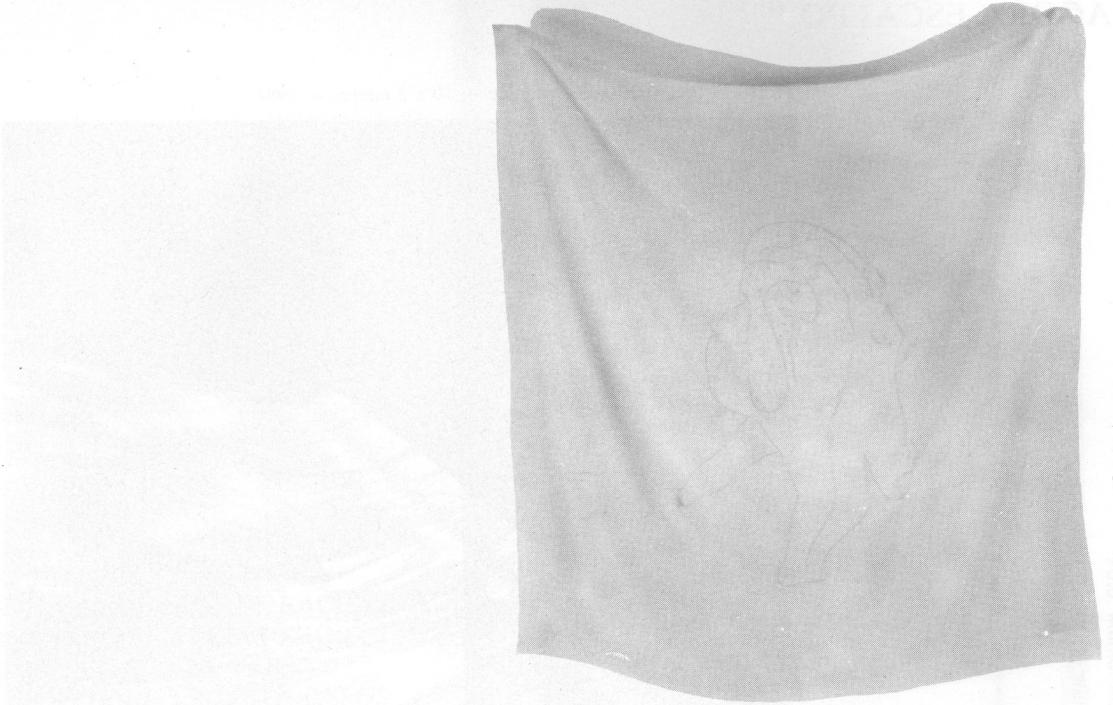


Foto: Wilton Montenegro

...“MANTIDA EM CONTÍNUA SONOLÊNCIA, PARA DESSE TORPOR EXTRAIR AS IMAGENS QUE, SONÂMBULA, BORDAVA NAS SEDAS.”

Pintura sedativa — tinta sobre seda pura — 2,00 x 1,40 m — 1984

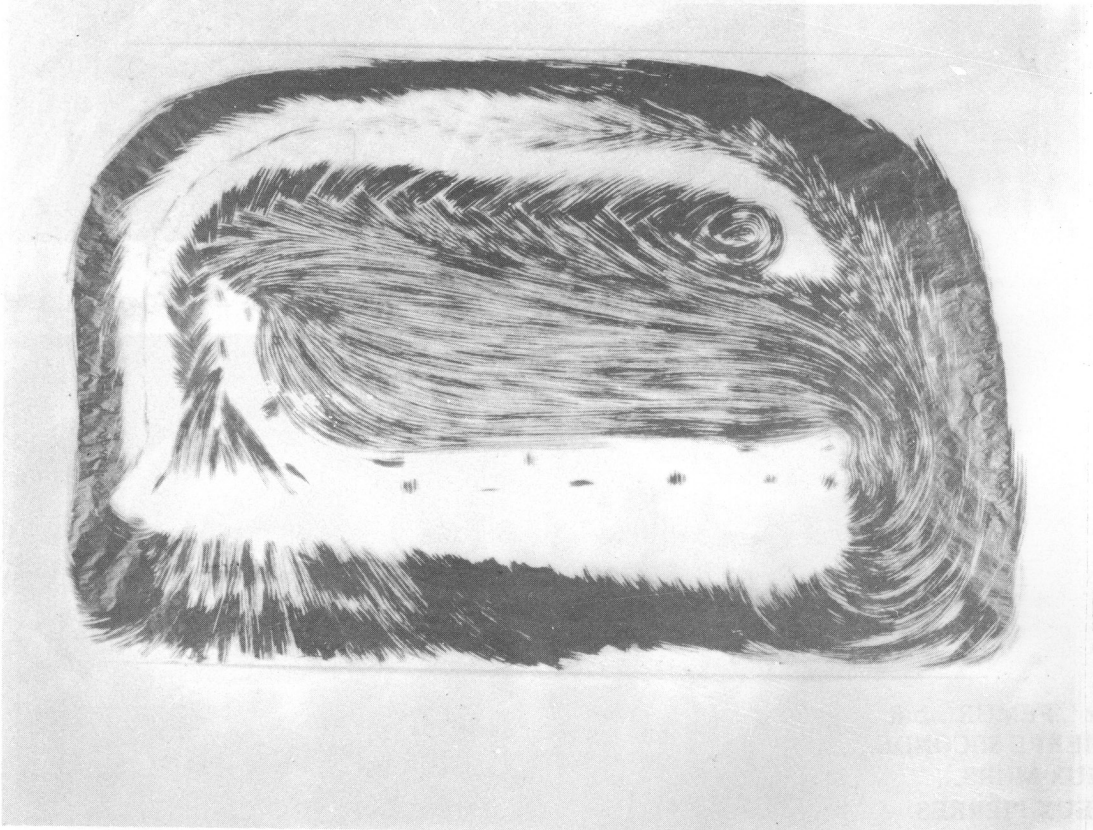


Foto: Wilton Montenegro

Manifesto oculto — raio x — 12 x 18 cm — 1983

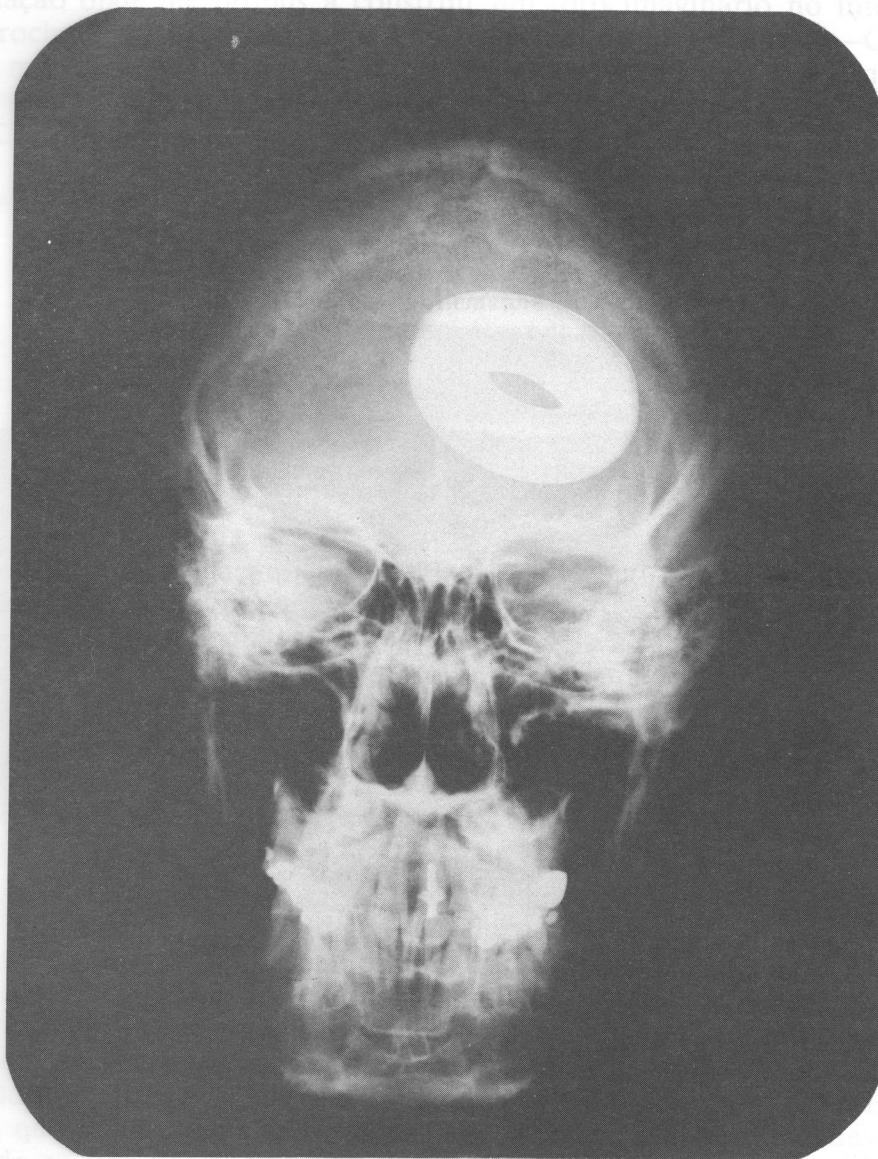


Foto: Wilton Montenegro

...“ANTES DAS FILMAGENS EMPREENDI UMA PEQUENA PESQUISA SOBRE A LOCAÇÃO. RECORRI A JORNAIS DA ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO DO TÚNEL. ENCONTREI POUCOS DADOS. UMA NOTÍCIA PORÉM DESPERTOU MINHA ATENÇÃO.”

...“A RÉPLICA DO RELEVO QUE FIZERA
FUNDIR EM ANTIMÔNIO.”



Revê-la antinomia — antimônio — 25 x 40 cm — 1985

Foto: Wilton Montenegro

Foi a partir de 1980 que comecei a me deparar com uma série de dados e fatos que gostaria de trazer como testemunho. Tudo começou com a realização de um filme no túnel Dois Irmãos. O filme era parte de uma instalação onde me propus a construir um toro imaginário no interior de uma rocha. Para tal, filmei uma secção circular do São Conrado—Gávea, e fiz a montagem de tal modo, que o resultado final era a imagem de um túnel sem começo nem fim.

Como é meu hábito, antes das filmagens empreendi uma pequena pesquisa sobre a locação. Recorri a jornais da época da construção do túnel. Encontrei poucos dados. Uma notícia porém despertou minha atenção.

“Medicina e Ciência”

“Novo uso para o ultra-som

Cientistas e técnicos, na Alemanha Ocidental, construíram um aparelho que utilizando o ultra-som é capaz de transmitir imagens codificadas dos órgãos internos do corpo. A ultrassonografia, como foi chamada, vem sendo testada com enorme sucesso, sobretudo em diagnoses pré-natais. Um caso de xifopagia foi detectado em uma gestante brasileira com quatro meses de gravidez. Amplos recursos vêm sendo usados na tentativa de desligamento dos fetos in-utero. Os fetos, segundo as imagens ultrassonográficas, encontram-se ligados pelos lóbulos cerebrais direitos...”

Havia uma única notícia relativa ao túnel: era sobre a morte de um operário na obra do viaduto em São Conrado. A peculiaridade era o nome do operário: Mestre Manuel.

Dei início às filmagens tendo como subsídio histórico apenas um desconexo telegrama de Giovana.

“Todos tuneis por parares — Topas toro tapa rochas — Se das beiras parte rachas — Pares ouro bordas aros — Soas artes para taras — Torpes poros tortos ossos”

Giovana Fulvi é antropóloga e trabalha na Dinamarca. Sabia deste meu projeto e achou que o texto poderia me interessar. Isso porém só se aclarou com a subsequente chegada de um envelope. Dele constavam uma carta de Giovana e cópias de seu trabalho, uma tradução dos recentemente encontrados *Escritos Europeus* do Professor Lund.

Pieter Wilhelm Lund, naturalista dinamarquês, dedicou grande parte de sua vida ao Brasil. É conhecido por seus achados na Lapa da Lagoa do Sumidouro. Passou apenas dois anos de sua vida “científica” na Europa. Foi lá que redigiu esses textos agora encontrados. Neles, Lund descreve o mito de origem de um povo nórdico. À descrição do mito segue-se o lendário relato que supõe confirmar suas hipóteses.

O Texto Mítico:

Se pelos pêlos — Deparas acéfalas — A falas separa — Para nascentes o outro — Ou poupas sementes — Ou roubas somente — Bastardas as taras — Bastará as tabas — Abastadas atadas — Das bordas acéfalas — Ceifadas as falas — Ou vês ouro ou calas.

Lund prossegue sua descrição.

“Parece que houve o nascimento de bastardas xifópagas e capilares, o que gerou discórdia, discussões e desavenças no país. Foram lembradas as tradições e na tentativa de desvendar o significado contido nos enigmáticos versos, chegou-se a uma unanimidade: uma vez que havia risco apenas na procriação, tentariam uma ‘exegese’ até a puberdade das bastardas. O tempo porém trouxe o agravamento da discórdia, o país se encontrava em ruína quando se deram os sinais públicos. Em meio à desavença, a facção mais forte deliberou que o corte deveria ser efetuado e por vontade das xifópagas, caso contrário seriam sacrificadas. Frente à recusa das jovens, foram condenadas, sendo honrados seus últimos pedidos: foram decapitadas, decepadas por um só golpe. Adveio a decadência, lutas intestinas, e o fruto da discórdia, insepulto, manteve-se pendurado a uma árvore. A putrefação das carnes separou os tecidos dos crânios, restando da bela cabeleira loura um ressecado e mórbido troféu. Sabe-se do posterior desaparecimento do agora escalpo. Um astuto bandleiro, informado da mitologia que cercava o troféu, viu nele um belo presente para sua amada. Resgatou a peça e, nas extremidades ressecadas do couro cabeludo, achou o lugar para, de forma sintética, narrar o mítico texto concernente ao escalpo, agora palimpsesto.

A amada esposa, agradecida, guardou intacta a prenda, dela retirando apenas um par de sedosos fios. Com eles, bordou numa fina seda uma imagem extraída dos seus sonhos. Durante a confecção desta tarefa, se deu conta de que os pêlos se metalizavam e douravam paulatinamente. Uma vez pronta a obra, a aparência era de fios de ouro.

As aventuras do palimpsesto-escalpo e seus portadores cessam ao se introduzirem no templo de Yun Ka, com o propósito de saqueá-lo. Não consideraram a astúcia dos templários e menos ainda a poderosa arma.”

O Prof. Lund interrompe sua narrativa para nos dar uma extensa descrição das atividades do templo onde encontrou estas relíquias.

...“Aos homens cabia a atividade da pintura, repetiam uma mesma imagem sobre seda e com um caráter gestual ao modo da pintura chinesa (pintavam mordendo a língua). Sobre elas, eram bordadas preciosas imagens. As mulheres se dedicavam ao canto, melhor seria chamar murmúrio, pois eram sons guturais emitidos com os dentes cerrados; a peculiaridade era que, a cada templária, se extraía um dos dentes, o que dava a afinação de cada nota. O conjunto soava assombroso e parece que o efeito desses ‘cânticos’ o era mais ainda...

O portador do escalpo teve sua sorte determinada aí, pois, ao ouvir o estranho coro, desfaleceu e sucumbiu com os ossos amolecidos. Sua amada, no entanto, foi poupada. Um dos templários, ao ver o bonito bordado, por ele foi seduzido e, com o propósito de incorporar esse modo iconográfico às suas sedas pintadas, poupou-lhe a vida. A obstinada artesã passou a participar do cotidiano do templo. Apenas era mantida em contínua sonolência, para que desse torpor extraísse imagens que, sonâmbula, bordava nas sedas.”

Esta história não se encerra aí. Convém lembrar que a interpretação do mito dada por Lund se justifica, pois, caso o tal povo não tivesse realizado o desastrosos sacrifício, gerações de xifóides tributariam suas grotescas estranhezas com a conversão post-mortem de seus cabelos em ouro.

Gostaria momentaneamente de interromper a narrativa do sábio dinamarquês para apresentar-lhes outro documento que me chegou às mãos.

Trata-se do:

Protocolo da Associação Internacional para Radioestesia e Psicokinesis
Rio de Janeiro, 1924

Da experiência constam dois sujeitos.

M.O. de origem francesa, supostamente habilitado em telepatia e radioestesia.

V.N. brasileiro, também dito telepata e com aptidões psicokinéticas.

Programa do experimento:

M.O., situado em um bairro ao sul da cidade, elabora uma proposição, grafando-a imediatamente.

V.N., distante alguns km, na mesma cidade, recolherá telepaticamente a proposição e deve assinalar em um mapa o objeto de tal proposição e alterar suas características físicas.

M.O. deverá assinalar o lugar em que tal objeto foi alterado.

Relatório:

11:30 — M.O. se concentra, toma um lápis e redige:

“Pierre seconde..., feux murs..., d’eux Pierres.”

11:36 — V.N. toma um lápis e, às margens do mapa da cidade, faz o desenho de um osso. Com um pequeno círculo, assinala no mesmo mapa um local.

11:40 — M.O. escreve sobre o mesmo papel: “Irmão X Irmão”.

Avaliação

Nos reunimos todos à exceção dos sujeitos ativos no experimento. Um tanto desanimados frente ao fracasso, nós o atribuímos ao fato de V.N. não ser versado em francês. Um de nós sugere que, ao contrário, há uma enorme e bem-sucedida coerência. É W. quem explica:

Onde se lê Pierre seconde, poder-se-á ler: π , R, 2.

Onde se lê feux murs, poder-se-á ler: Fêmur.

Onde se lê d’eux Pierres, poder-se-á ler: 2, π , R.

Temos pois $\pi R^2 \cdot 2 \pi r \dots$ esta é a fórmula de um toro de revolução. Fêmur é um osso.

V.N. nos desenhou um osso sobre o mapa e um círculo em uma localidade.

M.O. enunciou 2 Irmãos, que é justamente o local assinalado por V.N. no mapa, o Morro 2 Irmãos.

Gostaria de recordar-lhes o recente desaparecimento dos dois topógrafos franceses, os irmãos Pierre, naquele lugar quando trabalhavam para o Dr. Conrado Niemeyer na abertura da avenida que costeia aquele morro. Não seria impossível, pois, que V.N. tenha, com seu potencial psicokinético, vergado um osso, quiçá mesmo o fêmur de um destes desaparecidos irmãos.

...

No relatório segue-se uma extensa discussão sobre essa fantasiosa exegese, para nós sem qualquer interesse.

Não tenho a menor intenção de chegar a conclusões quanto à veracidade ou não do que lhes apresento ou suas conexões. No entanto...

Eu trabalhava como engenheiro arquiteto para a CEG — Companhia Estadual do Gás. Estávamos implantando a tubulação para ampliar a rede, em São Conrado. Meu mestre-de-obras me chamou a atenção para argolas

metálicas que seus homens haviam desenterrado. Fui imediatamente ao local e me deparei com ossos aparentemente fossilizados. Suspendi as escavações e, como atribuí àquilo algum valor, chamei o Museu Nacional. Em poucas horas, recebi a visita do Dr. Armando E.C., paleontólogo e chefe desse departamento naquela instituição. Fiz logo amizade com Dr. Armando e me dispus a visitá-lo no seu local de trabalho, para que me explicasse algo sobre o achado.

Nesta visita, o cientista me revelou que atribuía grande valor ao achado, me fez ver a estranha peça, me explicou que não era um fóssil e pude ver que, embora metalizado, era um osso, com estrutura morfológica similar a um fêmur humano, diferindo por sua enorme extensão e forma arredondada (como se tivesse sido amolecido, esticado e logo curvado). Passei a freqüentar o museu e, numa dessas visitas, o Dr. Armando me falou das direções de sua pesquisa e me deu cópia do seu *dossier*, resumo do trabalho que empreendia. Eram duas pastas, uma com amplo material de fotos, aferições etc. A outra, depoimentos, descrições e testemunhos orais transcritos.

Pude saber então pelo teste do Ca14 que o material encontrado não tinha mais de cem anos, pude ver também a foto e o raio X de um diminuto cérebro petrificado que segundo a legenda fora achado na Gávea Pequena e era humano (apesar de sua desprezível cubagem). Pude ver no raio X desse cérebro uma formação anular e uma enormidade de outras curiosidades. Foi, porém, a segunda parte que me inquietou. No cabeçalho de um dos capítulos se lia simplesmente: Mestre Manuel.

Quem foi Mestre Manuel? De que era ele mestre?

Havia traços comuns em quase todos os depoimentos sobre esse personagem, e um testemunho era particularmente claro:

“Mestre Manu são duas pessoas, uma era antes, outra depois. Porque depois daquele desastre ficou estranho, quase não falava nada, uma vez é que me falou que saiu lá do desabamento pela pedra, que atravessou a pedra por dentro dela. Diz que viu uns fios de ouro que a pedra que caiu desenhou e aí ele lembrou dumas vozes que a mãe dele que era índia velha fazia e lembrou da pedra de cabeça de macaco que ele levava sempre no bolso. Eu sei é que ele passou a fazer umas macumbas e diz que ele ficava falando baixinho e amolecia tudo que ele queria e até coisa dura feito pedra ele invertia: aí que antes ficava olhando o morro, olhando o morro, como quem tá conversando com Deus, dava umas tremidas, falava umas frases em língua de gringo, do jeito duns arrotos... Ele se acabou foi na obra daquele viaduto ali [apontando o viaduto que leva o seu nome]. Diz que ele que deu um jeito de fazer tudo errado na saída, que era pra que todo mundo que saísse de dentro da pedra, do túnel, quando pegasse o viaduto levava um tranco e fazia bênção pra Pedra da Gávea: que era o que ele respeitava. O negócio é que o viaduto é que desgraçou ele, foi salvar uns meninos, levou um tombo, já tinha a perna dura. Não escapou, num foi nem pro Salgado Filho, foi embora e ninguém viu mais...”

Li atentamente todo o *dossier* de Dr. Armando. Não apresentava sequer sombra de conclusão. Nem ao menos formulava o material apresentado. Pedi-lhe que me revelasse o verdadeiro conteúdo de suas pesquisas. Marcou outro encontro para a semana seguinte. Neste ínterim, recebi o agradável convite para a casa do Dr. Flávio R., meu dentista. Como bom protético que é, tem suas veleidades artísticas. A dele é colecionar esculturas em relevo e delas fazer réplicas (com as quais presenteia um ou outro amigo). Era justamente o caso. Havia adquirido um belo relevo em um belchior, e queria me presentear com a réplica que fizera fundir em antimônio. No dia seguinte, recebo recado do Dr. Flávio R. para que compareça ao seu consultório. Meu amigo me recebe um tanto eufórico e, sem palavras, me entrega um grande molar. Observo no dente um grande bloco e sem compreender peço-lhe uma explicação. Conta, então, que recebera a consulta de um novo cliente. Dele apenas soube ser coreano e nada falava de português ou qualquer língua ocidental. Por gestos, indicou que lhe extraísse o molar, embora o dente não aparentasse comprometimento algum. Tendo cumprido seu dever, o coreano pagou regamente e se foi. O Dr. Flávio R., aproximando uma lupa ao dente, me fez ver, na grande prótese, um relevo diminuto, idêntico ao do antimônio que me presenteara na noite anterior.

Conforme o combinado, uma semana depois, eu estava no museu, pronto a inquirir minuciosamente o Dr. Armando. Com o propósito de não me mostrar cético, eu lhe revelei o curioso episódio com o dentista.

Meu interlocutor pediu-me para ver o tal relevo. Como não o tivesse comigo, ele me entregou um catálogo com as obras de um pintor recentemente falecido, envenenado por intoxicação arsênica. Reconheci imediatamente o desenho, pintado por esse artista. Em todas as páginas da edição, estava a mesma imagem.

Estupefato, fiz um gesto como que pedindo explicação.

O Dr. Armando me revelou que conhecia minha obra sobre o túnel, o tal toro, que acreditava ser verdadeira contribuição às suas pesquisas. Explicou-me que o diminuto cérebro petrificado que vira na foto era o cérebro do Prof. Lund, reduzido, que o sábio aprendera os encantos dos sons dos antepassados de Mestre Manuel e que penetrara os Dois Irmãos, e por sua má pronúncia a pedra lhe reteve os cabelos. Que aquele filão dourado que Mestre Manuel vira desenhava na pedra uma imagem idêntica aos sonâmbulos bordados. Que os ossos desenterrados eram mesmo dos irmãos Pierre. Que o paciente do meu dentista e o pintor que falecera eram a mesma pessoa.

Não gostaria de me estender mais sobre as hipóteses do amigo paleontólogo.

Acrescentarei apenas que tudo levava a crer que esses sintomas indicavam a puberdade de xifópagas capilares entre nós.

— “QUEM FOI MESTRE MANUEL?”

De que ele era mestre?



Foto: Wilton Montenegro

TUNGA

Nasce em 1952. É artista plástico e arquiteto. A partir de 1973 vem participando de várias individuais no Brasil e exterior, dentre as quais se destacam: MAM/RJ, 1974 e 1975; Galeria Luiza Strina/SP, 1976; Gabinete de Arte Raquel Babenco 1981, 1983 e 1985; Galeria Sagittaria — Itália, 1981. Participou também, entre outras, das seguintes coletivas: Coleção Gilberto Chateaubriand, 1982, MAM-Rio/MASP-SP; Museu de Arte Contemporânea/SP, 1975; National Gallery/Ottawa — Canadá, 1977; Nobe Gallery/New York — 1979; Palácio Reale/Milano, 1980. Participou ainda das Bienais de Veneza em 1982 e São Paulo — 1981.

Publicado originalmente como encarte de
REVIRÃO 2 — Revista da Prática Freudiana
aoutra editora, outubro 1985.

Av. Ataulfo de Paiva, 1079 — ss. 118
22440 Rio de Janeiro — RJ.
Tel.: 259-3694 e 259-5543